

Introdução



Segundo Castilho (2001), a língua oral e a língua escrita são modalidades de um mesmo sistema, com ênfases diferenciadas em determinados elementos desse sistema, e as diferenças entre essas duas modalidades devem ser vistas na perspectiva do uso e não de características intrínsecas à fala ou à escrita.[1]

Neste capítulo, serão discutidas, de maneira sucinta, as principais características que diferenciam as modalidades oral e escrita da língua, destacando que ser competente comunicativamente significa saber fazer uso da língua em ambas as modalidades e considerando que as situações de comunicação exigem um comportamento linguístico diversificado dos interlocutores numa e noutra modalidade.[2]

[1] Conforme Marcuschi (2001)

[2] ELIAS, Vanda Maria (2011:11)

## **A Língua Falada**

Textos podem ser escritos, falados, desenhados e representados por inúmeras formas diferentes. Quanto à escrita e à fala, o texto escrito possui qualidades e segue normas por vezes diferenciadas das normas que regem o texto falado. Podemos concluir disso que a organização textual escrita é diferente da organização textual falada. As diferenças devem-se ao fato de termos objetivos diferentes ao falarmos e ao escrevermos. O uso da língua em situações diferentes torna-a diferente para cada situação, e as situações de fala e de escrita têm características semelhantes, mas também diferem muitas vezes.

Como dizem Fávero, Andrade e Aquino (2011): “*O oral e o escrito se diferenciam por escolhas feitas pelo locutor/enunciador, determinadas pela adequação a cada modalidade em cada um dos gêneros textuais por meio dos quais elas se manifestam (entrevista, requerimento, receita culinária, conto, atestado, conversa telefônica, consulta médica etc.). Além disso, é preciso observar a importância do suporte que permite a efetivação do texto (rádio, TV, internet, jornal, revista, outdoor etc.), o contexto em que se encontram os interlocutores e a interação que se estabelece entre eles.”*

A partir disso, entende-se que a fala tem como característica marcante o fato de ser espontânea e ocorrer no momento em que pelo menos dois interlocutores se envolvem para abordar um assunto. O texto conversacional, então, é criado de forma coletiva, constituindo-se num lugar onde os participantes estabelecem relações de dominância ou igualdade, convivência ou conflito, familiaridade ou distância.

A fala organiza-se em torno da troca de turnos de fala entre os participantes do ato comunicativo. E os marcadores conversacionais atendem às necessidades do envolvimento direto entre os participantes, podendo ser produzidos pelo falante ou por seu interlocutor. Como exemplos de marcadores conversacionais temos: claro, sabe?, certo, né?, acho, então, aí, uhn, ahn e outros.

No texto falado, os interlocutores fazem repetições, correções, paráfrases, referenciações, além de hesitações, interrupções e outras características típicas da fala, não permitidas na escrita. Nesta tudo deve estar explícito e não há recursos para efeitos visuais e auditivos, recursos extratextuais.





***Neste trecho de conversação, retirado de Fávero, Andrade e Aquino, 2011, página 20, podemos notar os dois turnos, o de L1, constituído por uma pergunta, e o de L2, correspondente à resposta. Durante o desenvolvimento do turno de L2, a locutora faz uso de pausas, hesitações, ênfase, marcadores de busca de assentimento, como entendeu?, né?, marcadores de continuidade de tópico, como “então”, “e aí”, além do marcador de atenuação de posicionamento “eu acho que”.***

## **A Língua Escrita**

Como vimos, a fala organiza-se em tomadas de turnos de conversação. A escrita, por outro lado, conta com o parágrafo como sua unidade básica. Em geral, apesar de não haver uma regra única, a cada parágrafo adiciona-se uma nova ideia quando se escreve, e todos os parágrafos devem estar adequadamente articulados, para garantir não apenas a coesão, mas também a coerência do texto.[1]





O filme aborda a história do escritor Mort Rainey, interpretado por Johnny Depp. Após um divórcio, Mort se isola em uma cabana para buscar paz, quando ela é interrompida por John Shooter (John Turturro), que o ameaça de plágio em suas obras.



O filme conta a história de Ed Bloom, interpretado por Albert Finney), e como ele é um grande contador de histórias. No filme você pode relacionar como a capacidade de oralidade pode chamar a atenção de quem o escuta.



Mostrando que a escrita organiza-se em parágrafos, enquanto a fala organiza-se em tomadas de turno.

Os parágrafos são construídos para atingir um ou mais propósitos: contar uma história, emitir uma opinião, argumentar contra ou a favor de algum ponto de vista e defender uma tese, fazer descrições, dar ordens, entre outros. Por exemplo, consideremos o parágrafo a seguir:

***Fazer revelações sobre si mesmo é um comportamento que temos o tempo todo, todos os dias. Quando você conversa com uma pessoa, ela geralmente fala sobre si mesma. No Twitter e no Facebook, as pessoas estão expondo o que pensam ou sentem naquele momento. Alguns estudos mostram que quanto mais você se abre para uma pessoa, mais você gosta dela e mais ela gosta de você. Isso pode estar relacionado à formação de laços sociais.*[2]**

Esse parágrafo dissertativo inicia com uma frase núcleo (tópico frasal), que desencadeia as ideias subsequentes. A partir do segundo período, o autor faz considerações sobre o comportamento comum entre as pessoas de gostarem muito de falar sobre si mesmas. Como se trata de um texto publicado em revista, as frases são curtas e objetivas, típicas desta mídia.

O parágrafo tem a qualidade de estar separado do restante do texto e apresentar um recuo a partir da margem na primeira linha. É composto por introdução, desenvolvimento e conclusão, em muitos casos, mas também pode ser parte de um texto em que desenvolva uma ideia apenas, não seguindo, então, esse padrão.

## **Variações da Língua (na oralidade e na escrita)**

É comum as pessoas pensarem que a língua falada é “errada” e a língua escrita é “certa”. Isso reflete a cultura equivocada e disseminada de que a língua escrita sempre segue os padrões da gramática culta e de que esses padrões regem a única variedade correta da língua.

Em primeiro lugar, o uso do termo “variedade” já mostra que a língua varia. No entanto, além disso, e mais significativamente, há o fato de não existir “certo” e “errado” na língua, mas sim adequado e inadequado. Isso pelo simples fato de que a língua é utilizada em diversos contextos e situações, e é o seu uso que rege a forma que ela terá: mais formal, menos formal, culta, coloquial, com gírias, sem gírias, tanto na escrita quanto na fala.

### **Utilização de variações na fala:**

- um promotor de justiça fazendo uma defesa em tribunal;

- dois moradores de rua conversando;

- duas senhoras idosas falando ao telefone uma com a outra;

- um apresentador de noticiário falando na TV etc.

Como a escrita fica registrada, é permanente – não tem como se valer de recursos como gestos, expressão facial, tom de voz -, ela tende a ser mais cuidada e, portanto, mais próxima da norma padrão, embora isso dependa muito da situação de uso. Por exemplo, a linguagem de um livro impresso segue os padrões cultos de ortografia, regência, concordância, construção frasal, pois se trata de uma publicação e permanecerá para sempre.

Por outro lado, a escrita de um bilhete entre pessoas que moram juntas, ou amigos íntimos, terá um cunho bem informal, com abreviações não permitidas pela gramática, com possíveis erros de ortografia, pois o propósito não é a publicação, mas sim a manutenção de relações e a passagem de informações úteis e importantes entre pessoas que se conhecem muito bem.

### **Utilização de variantes na escrita:**

- bilhete entre amigos

- relatório de estágio

- carta de amor

- e-mail corporativo

- conversa pelo *facebook* etc.

Portanto, é importante que todos saibam que não se fala errado, nem se escreve certo, mas que a língua é utilizada de várias formas, por isso ela é muito variável, e todas as variedades têm seus propósitos e são absolutamente adequadas nas situações em que foram originadas e em que são utilizadas. Segundo a renomada autora Maria Helena de Moura Neves (2012:134):

*Com efeito, o falado e o escrito – excluída qualquer rigidez de dicotomização, insisto – diferem quanto aos modos de aquisição, métodos de produção, transmissão, recepção, e, mesmo, estruturas de organização. E, se há diferenças constitutivas de cada uma dessas modalidades, isso tem repercussão no produto. Não por isso, porém, se dirá que alguma das modalidades constitui um padrão único.*

## **O Internetês e o “dialeto escrito” com efeito oral[3]**

Segundo Xavier (2011:170), o internetês simula uma conversa espontânea face a face, embora haja muitas diferenças e limitações entre esse gênero digital e a conversa real. O autor mostra como os participantes de conversações em internetês buscam reproduzir a mesma velocidade das trocas orais presenciais, e assim tornar a interação que é remota mais próxima e fluente da forma natural de conversar.

#### **Em que sentido, segundo Xavier, o internetês pode ser considerado um dialeto escrito com efeito oral? Vejamos alguns aspectos fonológicos que emergem no interetês:**

* Alongamentos de vogais (*aeeee*) que enfatizam certas palavras e manifestam a emoção do sujeito, uma vez que não há som de voz para tal.
* Ausência da consoante (*r*) em final de palavras para marcar a descontração comum em conversas fortuitas entre conhecidos (manda=manda**r**; faze=faze**r**; chega=chega**r**).
* Substituição de vogais finais para representar a real sonoridade quando pronunciadas espontaneamente (mei**u**=meio; ocupad**u**=ocupado; sab**i**=sabe; tard**i**=tarde)

Como todas as variedades da língua, o internetês é mais um dialeto que serve aos seus propósitos comunicativos e não representa uma ameaça à língua. Como diz Xavier (p. 175), “... o internetês parece representar perigo àquele que não o compreende ainda, nem tem boa vontade para estudá-lo a fim *de encontrar a funcionalidade interacional presente em todas as línguas e dialetos, inclusive neste.”*

Vemos, assim, novamente, que cada variedade linguística é utilizada no contexto onde atinge melhor os propósitos da comunicação, o que significa que, como outros dialetos, o internetês será utilizado para a comunicação em meios digitais e hipertexto, e não indiscriminadamente em qualquer texto escrito.





CASTILHO, Ataliba T. de. **A Língua Falada e o Ensino do Português.** São Paulo: Contexto, 2001.

ELIAS, Vanda Maria (org.) **Ensino de Língua Portuguesa:**oralidade, escrita, leitura. São Paulo: Contexto, 2011.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda. Reflexões sobre oralidade e escrita no ensino de língua portuguesa. In: ELIAS, Vanda Maria (org.). **Ensino de Língua Portuguesa:**oralidade, escrita, leitura. São Paulo: Contexto, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da Fala para a Escrita:** o tratamento da oralidade no ensino de língua. São Paulo: Cortez, 2001.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Ensino de Língua e Vivência de Linguagem.** Temas em confronto. São Paulo: Contexto, 2010.

[1] A coerência e a coesão do texto serão estudadas, respectivamente, nos capítulos 7 e 8.

[2] Adaptado de <http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/falar-sobre-si-mesmo-da-prazer-diz-estudo>, em 10/05/2012.

[3] Segundo XAVIER A. C., in: ELIAS (org.) 2011: 167-179).

